Este livro é para a Betty Levin e para todos
quantos me ensinaram a amar e a temer o bem.

Obrigado a todos os que leram previamente este livro:
Moses Cardona, Rafique Keshavjee, Betty Levin e William Reiss.
As suas sugestões foram sempre úteis. Quaisquer imperfeições
que ainda haja no livro são minhas.

Gostaria também de agradecer a Judith Regan,
Matt Roshkow, David Groff e Pamela Goddard, pela sua
receção entusiástica de Wicked.

Por fim, uma palavra de agradecimento aos amigos com quem
muito conversei acerca do mal nestes últimos anos: são demasiados
para que os nomeie a todos, mas incluem a Linda Cavanagh,
a Debbie Kirsch, o Roger e a Martha Mock, a Katie O'Brien
e a Maureen Vecchione; o grupo de Edgartown, no Massachusetts;
e o meu irmão, Joseph Maguire, de quem tomei de empréstimo
algumas ideias. Não movas nenhum processo
contra mim, por favor.

ÍNDICE

Prólogo: Na Estrada de Tijolos Amarelos 17



I Os Munchkins

A Raiz do Mal 23
O Relógio Dragão do Tempo 29
O Nascimento de uma Bruxa 33
Males e Mezinhas 41
O Quadling Soprador de Vidro 52
Geografias do Visível e do Invisível 59
Brincadeiras de Crianças 67
Escuridão Distante 75



II Gillikin

Galinda 91
Boq 126
O Círculo Encantado 169



III Cidade das Esmeraldas

227



IV Nos Vinkus

A Viagem para Longe 281

Os Portões de Jaspe de Kiamo Ko 304

Insurreições 353



V O Assassinato e a Sua Vida Depois da Morte

403


Para Fliaan
Ugabu
(reivindicações litigiosas)
Monte Runcible
Gillikin
Colinas de Pertha
Frottica
Wittica
Settica
Areia Vermelha
Casa de Dixxi
Shiz
Volta de Wiccasand
Rio Gillikin
Deserto de Thursk
Vinkus
(«Território dos Winkies»)
Kiamo Ko
Cidade Esmeralda
Fronteira não vigiada
Rio Vinkus
Grandes Kells
Lago Kellswater
Lago Restwater
Pradarias dos Mil Anos
Vinkus de Fora
Desfiladeiro de Kumbricia
Pequenos Kells
Areias Amargas
Altar de Kvon
Território dos
Deserto para Ev
TERRA DE OZ


Para Quox
Escalpes
Glikkus
Grande Floresta de Gillikin
Canais de Glikkus
Applerue de Cima
Applerue Distante
Traum
Brox Hall
Teniken
Refúgio de Fallows
Lago Mossmere
Depósito do Dragão
Centro de Munch
Lago Chorge
Vale do Nunca
As Madalenas
Caminho de Fallows
Cesta de Milho
Terras de Colwen
Terra dos Munchkins
Pastoria Velha
Refúgio de Hardings
Deserto dos Pinheiros
Lettins da Luz
Três Árvores Mortas
Cidade da Grande Ladeira
Margens Lestas
Rio Munchkin
Caminhos de Hardings
Lago Ilswater
Ponta de Stonepart
Linster
Colinas de Cloth
Kells do Território dos Quadlings
Qhoyre
Quadlings
Ovvels
LEGENDA
minas de esmeraldas
floresta
terrenos agrícolas
Grande Ferrovia de Gillikin
Estrada de Tijolos Amarelos
pântanos do Território dos Quadlings
montanhas e colinas
deserto

«É deveras estranho que os homens gostem tanto
de ser considerados mais malvados do que realmente são.»

DANIEL DEFOE, *A SYSTEM OF MAGICK*

«Nos acontecimentos históricos, os grandes homens — os assim
chamados — são meros rótulos que servem para dar um nome
a um acontecimento, e, tal como os rótulos, têm a última ligação
possível com o acontecimento em si. Em sentido histórico, as suas ações,
parecendo-lhes fruto do seu próprio livre-arbítrio, não são de todo livres,
mas sim resultantes da servidão ante todo o curso da história anterior,
encontrando-se predestinada desde toda a eternidade.»

LEV TOLSTÓI, *GUERRA E PAZ*

«— Bem — disse a Cabeça —, eis a minha resposta.
Não tem o direito de esperar que a faça regressar ao Kansas, a não
ser que me dê algo em troca. Nesta terra, todos pagam pelo que obtêm.
Se deseja que eu use os meus poderes mágicos para a fazer regressar a casa,
primeiro terá de fazer o que lhe pedir. Ajude-me e eu ajudá-la-ei.
— Que terei eu de fazer? — indagou a rapariga.
— Matar a Bruxa Má do Oeste — respondeu Oz.»

L. FRANK BAUM, *O MARAVILHOSO FEITICEIRO DE OZ*



PRÓLOGO

Na Estrada de Tijolos Amarelos

Uma milha acima de Oz, a Bruxa equilibrava-se na orla dianteira do vento, como se fosse uma mancha verde da própria terra, lançada para cima e atirada para longe pelo ar turbulento. À sua volta, acumulavam-se nuvens de trovoada de verão, altas, brancas e roxas. Em baixo, a Estrada de Tijolos Amarelos enrolava-se sobre si mesma, qual laço afrouxado. Embora as tempestades de inverno e os pés-de-cabra dos revolucionários tivessem devastado a estrada, lá seguia ela, incansável, até à Cidade Esmeralda. A Bruxa observava os companheiros na sua caminhada árdua, manobrando em torno dos trechos deformados, contornando trincheiras, saltitando quando o caminho estava livre. Pareciam alheios ao seu destino. Mas não competia à Bruxa esclarecê-los.

Usava a vassoura como uma espécie de balaustrada, descendo do céu como um dos seus macacos voadores. Deteve-se no ramo mais alto de um salgueiro-preto. Mais abaixo, escondidas pela fronde, as suas presas haviam parado para descansar. A Bruxa meteu a vassoura debaixo do braço. Silenciosa e deslocando-se qual caranguejo, desceu um pouco de cada vez, até ficar uns meros seis metros acima deles. O vento movia as gavinhas pendentes da árvore. A Bruxa olhava e escutava.

Eram quatro. Conseguia ver uma espécie de Gato enorme — seria um Leão? — e um homem que reluzia. O Homem de Lata tirava piolhos da juba do Leão, e o Leão resmungava e contorcia-se, irritado. Ali perto, refastelado, um Espantalho vivo a soprar dentes-de-leão ao vento. Não conseguia ver a rapariga por trás das cortinas ondulantes do salgueiro.

— Dizem que a maluca é a irmã que sobreviveu — disse o Leão. — Que Bruxa. Uma mente perversa, possuída pelo demónio. Louca. Nada bonito de se ver.

— Foi castrada à nascença — replicou calmamente o Homem de Lata. — Nasceu hermafrodita, ou talvez completamente homem.

— Oh, tu também vês castração em todo o lado — acusou o Leão.

— Só estou a dizer o que as pessoas disseram — alegou o Homem de Lata.

— Cada pessoa tem direito à sua opinião — adiantou o Leão, com leveza. — O que eu ouvi dizer foi que ela não teve o amor de uma mãe. Foi uma criança que sofreu abusos. Era viciada em medicamentos para o problema que tem na pele.

— Não tem tido sorte ao amor — sentenciou o Homem de Lata —, como todos nós. — O Homem de Lata calou-se e pousou a mão a meio do peito, como que angustiado.

— É uma mulher que prefere a companhia de outras mulheres — disse o Espantalho, a endireitar-se.

— É a amante rejeitada de um homem casado.

— Ela *é* um homem casado.

A Bruxa ficou de tal maneira estupefacta que quase caiu do ramo a que se agarrava. Não tinha interesse algum em mexericos. Estivera, porém, tanto tempo ausente que se sentia agora abismada ante as opiniões tão contundentes daquela gentinha.

— É uma déspota. Uma tirana perigosa — atirou o Leão com convicção.

O Homem de Lata puxou uma mecha de pelo da juba com mais força do que a necessária.

— Para ti, é tudo perigoso, seu medroso. Ouvi dizer que ela é a favor da independência desses tais Winkies.

— Seja ela quem for, deve estar certamente a sofrer pela perda da irmã — declarou a criança num tom sombrio, demasiado pesado, demasiado sincero para uma pessoa tão nova. A Bruxa sentiu asco.

— Não comeces agora a sentir pena dela. *Eu* não sou capaz de sentir, certamente.

O Homem de Lata fungou com um certo cinismo.

— Mas a Dorothy tem razão — defendeu o Espantalho. — Toda a gente sente sofrimento.

A Bruxa ficou profundamente irritada com aquelas especulações condescendentes. Deslocou-se ao redor do tronco da árvore, a esticar-se para vislumbrar a rapariga. O vento intensificou-se e o Espantalho



estremeceu. Enquanto o Homem de Lata continuava a remexer na cabeleira do Leão, o Espantalho encostou-se ao Leão, que o abraçou com ternura.

— Vem aí uma tempestade — indicou o Espantalho.

A muito quilómetros, ecoou um trovão.

— Vem aí… uma… *Bruxa* — atirou o Homem de Lata, fazendo cócegas ao Leão. O Leão assustou-se e rolou para cima do Espantalho, lamuriando-se, e o Homem de Lata caiu por cima de ambos.

— Amigos, aquela tempestade não nos deveria preocupar? — perguntou a rapariga.

Os ventos ascendentes desviaram, enfim, a cortina de verdura e a Bruxa viu a rapariga. Estava sentada com os pés metidos debaixo do corpo e os braços à volta dos joelhos. Não era uma coisinha delicada, mas sim uma rapariga do campo, de tamanho razoável, vestida de xadrez azul e branco, e com um avental. Ao seu colo, um cãozinho repugnante encolhia-se e gania.

— A tempestade deixa-te nervoso. É natural, depois de tudo por que passaste — enunciou o Homem de Lata. — Tem calma.

Os dedos da Bruxa cravaram-se na casca da árvore. Ainda não conseguia ver o rosto da rapariga, somente os seus antebraços fortes e o topo da cabeça, em que o cabelo escuro estava apanhado atrás em tranças. Deveria levá-la a sério, ou não passaria de uma semente de dente-de-leão esvoaçante apanhada no lado errado do vento? A Bruxa sentia que, se visse a cara da rapariga, talvez conseguisse perceber.

Ora, no instante em que a Bruxa se esticou, afastando-se do tronco, a rapariga virou a face para o lado contrário.

— A tempestade está a aproximar-se, e bem depressa. — A aflição na sua voz foi-se tornando mais intensa consoante o vento se foi avolumando. Era de uma veemência gutural, como quem discute com a ameaça de lágrimas iminentes. — Conheço bem as tempestades, chegam de repente!

— Aqui, estamos a salvo — garantiu o Homem de Lata.

— Não estamos, certamente — retorquiu a rapariga —, porque esta árvore é o ponto mais alto nas redondezas, e se cair algum raio, vai cair

aqui. — Agarrou-se ao cão. — Não vimos um barracão lá mais acima, na estrada? Vamos, vamos. Espantalho, se cair algum raio, vais arder num instante! Anda!

Levantou-se e desatou a correr desajeitadamente, e os companheiros seguiram-na num pânico crescente. Assim que começaram a cair as primeiras gotas de chuva, a Bruxa conseguiu ver não o rosto da rapariga, mas os sapatos. Os sapatos da irmã. Reluziam até à luz escassa do entardecer. Reluziam como diamantes amarelos, e brasas de sangue, e estrelas espinhosas.

Se tivesse visto logo os sapatos, a Bruxa jamais teria ouvido a rapariga e os seus amigos. Mas as pernas da menina estavam enfiadas por baixo da saia. A Bruxa recordava-se agora daquilo de que precisava. Os sapatos deviam ser seus — não tinha ela já sofrido o bastante, não os tinha merecido? A Bruxa abater-se-ia sobre a rapariga, caída do céu, e, se conseguisse, arrancar-lhe-ia os sapatos dos pés impertinentes.

Mas a tempestade da qual a catraia e os companheiros fugiam cada vez mais depressa, ao longo da Estrada de Tijolos Amarelos, incomodava mais a Bruxa do que a rapariga, que passava pela chuva, e o Espantalho, que o raio podia queimar. A Bruxa não podia aventurar-se em tal humidade, violenta e insinuante. Teria de se esconder entre algumas raízes expostas do salgueiro-preto, onde a água não a poria em perigo, e esperar que a tempestade passasse.

Voltaria a aparecer. Voltava sempre a aparecer. O clima político punitivo de Oz derrubara-a, esgotara-a, descartara-a — ela ficara à deriva qual muda, desidratada por de mais, ao que parece, para criar raízes. Mas a maldição destinava-se, certamente, à Terra de Oz, não a si. Embora Oz lhe tivesse dado uma vida de voltas e reviravoltas, não a tornara também capaz?

A rapariga e os companheiros foram-se embora, mas não tinha importância. A Bruxa podia esperar. Voltariam a encontrar-se.



I

Os Munchkins



A Raiz do Mal

Da cama amarrotada, disse a mulher:

— Acho que é hoje. Olha só até onde já vai.

— Hoje? Só podia, perversa e inconveniente como é costume — respondeu o marido, provocando-a, encostado à porta e a olhar lá para fora, a contemplar o lago, os campos, e as encostas arborizadas mais além. Conseguia avistar as chaminés de Margens Lestas a expelir o fumo dos pequenos-almoços. — O pior momento possível para o meu sacerdócio. Naturalmente.

A mulher bocejou.

— Não há grande coisa a fazer. Pelo que ouvi dizer. O corpo cresce e ele é que manda, se não te consegues adaptar, querido, não atrapalhes. Está no seu caminho e *agora* já nada o pode deter. — Ela ergueu-se, a tentar ver por cima da barriga. — Sinto-me refém de mim mesma. Ou do bebé.

— Exercita o autocontrolo. — Aproximou-se dela e ajudou-a a sentar-se. — Pensa nisto como um exercício espiritual. A custódia dos sentidos. Continência corporal e ética.

— Autocontrolo? — riu-se ela, e aproximou-se devagar da beira da cama. — Não me resta nenhum. Não passo de uma hospedeira para o parasita. Onde está, afinal, o meu Eu? Onde terei deixado esse traste velho?

— Pensa em mim. — O tom dele mudou: foi propositado.

— Frex… — Ela evita-o: — Quando o vulcão estiver preparado, não há padre nenhum no mundo que o acalme.

— Que irão pensar os meus colegas pastores?

— Vão juntar-se e dizer: «Irmão Frexspar, deixaste que a tua mulher desse à luz o teu primeiro filho para ires resolver um problema da comunidade? Que falta de consideração da tua parte, isso demonstra falta de autoridade. Estás despedido do cargo.»

Agora troçava dele, porque não havia ninguém que o despedisse. O bispo mais próximo estava bastante longe e não prestava atenção às particularidades de um clérigo unionista do interior.

— Mas esta é uma *altura* péssima.

— Creio que és tu quem tem a culpa da altura — volveu ela. — Quer dizer, no fim de contas, Frex.

— É esse o raciocínio, mas espanta-me.

— *Espanta-te*? — Ela atirou a cabeça para trás e riu-se. A linha que lhe ia da orelha até à cavidade por baixo do pescoço lembrava a Frex uma elegante concha de prata. Mesmo na sua desordem matinal, com uma barriga qual barcaça, era majestosamente bela. O seu cabelo tinha o aspeto brilhante e lacado das folhas de carvalho molhadas, caídas sob o sol. Ele culpava-a por ter nascido com privilégios e admirava-lhe os esforços que fazia para os ultrapassar — e, ainda assim, amava-a também. — Queres dizer que te espanta seres o pai — alegou ela, a agarrar-se à cabeceira da cama, com Frex a pegar-lhe no outro braço, para a levantar —, ou questionas a paternidade dos homens em geral?

Levantou-se, mamute, uma ilha ambulatória. Ao sair pela porta, em passo de caracol, riu-se de tal ideia. Ele ouvia-a a rir na casa de banho exterior, mesmo quando começou a vestir-se para a batalha do dia.

Frex penteou a barba e oleou o couro cabeludo. Prendeu um fecho de osso e couro cru na nuca, para manter o cabelo afastado da cara, porque, hoje, as suas expressões teriam de ser percetíveis à distância: não podia haver confusão no que pretendia transmitir. Aplicou um pouco de pó de carvão para escurecer as sobrancelhas, uma mancha de cera vermelha nas bochechas lisas. Sombreou os lábios. Um padre bonito atraía mais penitentes do que um padre singelo.

No pátio da cozinha, Melena flutuava suavemente, não com a gravidade normal de uma gravidez, mas como se estivesse insuflada, um balão enorme a arrastar o fio pelo chão. Trazia uma frigideira numa mão e, na outra, ovos e as pontas de cebolinho de outono. Cantava para si própria, mas apenas em frases curtas. Frex não devia ouvi-la.

Com a vestimenta sóbria abotoada até ao colarinho, as sandálias apertadas por cima das perneiras, Frex tirou do seu esconderijo — debaixo de uma cómoda — o relatório que lhe fora enviado pelo colega



pastor da aldeia de Três Árvores Mortas. Escondeu as páginas acastanhadas dentro da sua faixa. Escondeu-as da mulher com medo de que ela quisesse ir também — para ver a diversão, se fosse divertido, ou para sofrer de emoção, se fosse aterrador.

Enquanto Frex respirava fundo, a preparar os pulmões para um dia de discursos, Melena mexia os ovos na frigideira com uma colher de pau. Do outro lado do lago, ouvia-se o tilintar dos chocalhos das vacas. Ela não ouvia, ou ouvia, mas era outra coisa, algo dentro de si. Era um som sem melodia — uma música de sonho, recordada pelo seu efeito, mas não pelas suas angústias e recuperações harmónicas. Imaginava que fosse a criança dentro de si, a cantarolar de felicidade. Sabia que seria um filho cantor.

Melena ouvia Frex lá dentro a começar a improvisar, a aquecer, a invocar as frases cíclicas do seu argumento, a convencer-se uma vez mais da sua retidão.

Como era aquele provérbio, aquele que a Ama lhe cantarolou em tempos, no seu quarto de bebé?

De manhã, nasceu,
Desgraça que se abateu;
Bebé da tarde termina
Triste e traquina;
Depois de o Sol se pôr,
Desgraça que acaba em dor.
Veio de noite num afã,
O mesmo que o da manhã.

Mas recordava-o como uma brincadeira, com carinho. A desgraça é o fim natural da vida, mas, ao fim e ao cabo, continuamos a ter bebés.

Não, disse a Ama, um eco na memória de Melena (opinativo, como sempre): Não, não, ó mimadinha depravada. Nós *não* continuamos a ter bebés, isso é evidente. Só temos bebés quando ainda somos muito novos e não sabemos quão cruel a vida é. Mal nos apercebemos, de facto — nós, mulheres, demoramos a aprender —, secamos com a repulsa e temos a sensatez de cessar a produção.

Mas os homens não secam, objetou Melena: podem ser pais até morrer.

Ah, nós levamos tempo a aprender, contrapôs a Ama. Mas *eles* não aprendem de todo.

— Pequeno-almoço — anunciou Melena, e serviu os ovos num prato de madeira. O filho não haveria de ser tão entediante quanto a maioria dos homens. Ela criá-lo-ia para que desafiasse o progresso da desgraça.

— Vivemos tempos de crise na nossa sociedade — recitou Frex. Para um homem que condenava os prazeres terrenos, comia com elegância. Ela gostava de ver o arabesco de dedos e dois garfos. Desconfiava que, por detrás daquele ascetismo íntegro, se escondia um desejo de vida fácil.

— Cada dia é uma grande crise para a nossa sociedade. — Estava a ser insolente, a responder-lhe nos termos que os homens usavam. Ele não se apercebeu da ironia na sua voz, o badocha.

— Estamos numa encruzilhada. A idolatria aproxima-se. Os valores tradicionais estão em perigo. A verdade está debaixo de cerco e a virtude é abandonada.

Não estava a falar com ela, mas sim a praticar a sua tirada contra o espetáculo de violência e magia que se aproximava. Havia um lado de Frex que roçava o desespero: ao contrário da maioria dos homens, era capaz de o canalizar em benefício da sua obra. Com alguma dificuldade, ela sentou-se num banco. Na sua cabeça cantavam sem palavras coros inteiros! Seria isto comum a todos os partos e trabalhos de parto? Teria gostado de perguntar às mulheres intrometidas da zona que passariam por ali de tarde, a rosnar timidamente a propósito do seu estado. Mas não se atreveria. Não queria livrar-se do seu bonito sotaque, que elas consideravam afetado, mas podia evitar parecer ignorante no tocante àqueles assuntos básicos.

Frex apercebeu-se do seu silêncio.

— Não ficas zangada por não ficar contigo hoje?

— Zangada? — Empinou as sobrancelhas como se desconhecesse o conceito.

— A história rasteja devagar nos pormenores das pequenas vidas individuais — perorou Frex —, e, ao mesmo tempo, convergem forças eternas maiores. Não se pode estar presente nas duas arenas ao mesmo tempo.

— O nosso filho pode não ter uma vida pequena.



— Agora não é altura para discutir. Queres distrair-me do trabalho sagrado de hoje? Estamos perante a presença do verdadeiro mal em Margens Lestas. Não seria capaz de viver comigo mesmo se o ignorasse. — Estava a falar a sério, e foi por causa dessa intensidade que ela se apaixonou por ele, mas era também por isso que o detestava, claro está.

— As ameaças aparecem, vão aparecer sempre. — A sua última palavra sobre o assunto. — O teu filho só vai nascer uma vez, e, a julgar por esta agitação aquosa cá dentro, acho que é hoje.

— Haverá outros filhos.

Ela virou-lhe as costas para que ele não lhe visse a ira estampada no rosto.

Mas não era capaz de lhe dirigir a fúria a ele. Talvez esse fosse um fracasso moral seu. (Por norma, não era muito dada a preocupações com fracassos morais, ter um marido pastor era já o suficiente para um casal, em termos de pensamentos religiosos.) Deixou-se cair no silêncio, taciturna. Frex mordiscava a sua refeição.

— É o Diabo — disse Frex, com um suspiro. — Vem aí o Diabo.

— Não digas uma coisa dessas no dia em que o teu filho vai nascer!

— Estou a falar da tentação em Margens Lestas! Sabes bem a que me refiro, Melena!

— Palavras, leva-as o vento! — redarguiu ela. — Não preciso da tua atenção toda, Frex, mas preciso de um bocadinho! — Deixou cair a frigideira com estrondo no banco encostado à parede da casa.

— E eu também — volveu ele. — Que achas que terei de enfrentar hoje? Como posso convencer o meu rebanho a afastar-se da pândega da idolatria? O mais certo é regressar logo à noite tendo perdido para uma atração mais interessante. Talvez hoje consigas uma criança. Eu arrisco-me a conseguir fracasso. — Ainda assim, ao dizê-lo, parecia orgulhoso: fracassar relativamente a uma preocupação moral elevada era-lhe satisfatório. Como poderia comparar-se com a carne, o sangue, a confusão e a barulheira de ter um bebé?

Por fim, levantou-se para sair. Soprava agora um vento sobre o lago, desfazendo o topo das colunas de fumo das cozinhas. Pareciam, pensou



Melena, funis de água a rodopiar pelos ralos em espirais estreitas e centradas.

— Fica bem, meu amor — despediu-se Frex, embora exibisse a sua habitual expressão severa da cabeça aos pés.

— Sim. — Melena suspirou. O bebé atingiu-a, bem lá em baixo, e teve de ir a correr outra vez para a casa de banho exterior. — Que Deus te acompanhe, estarei a pensar em ti, meu pilar, meu peitoral. E vê lá se não te matam.

— Assim seja a vontade do Deus Inominável — disse Frex.

— E também a minha — disse ela, blasfema.

— Usa a tua vontade para aquilo que a mereça — respondeu ele. Era agora o pastor, e ela, a pecadora, uma situação que não lhe agradava particularmente.

— Adeus — lançou ela, optando pelo fedor e o alívio da casa de banho exterior em detrimento de se levantar para lhe acenar até o perder de vista enquanto cumpria vigorosamente o caminho da estrada para Margens Lestas.



O Relógio do Dragão do Tempo

Frex estava mais preocupado com Melena do que ela imaginava. Parou na primeira cabana de pescadores que encontrou e falou com o homem que estava à porta cuja metade superior se abria separadamente. Uma ou duas mulheres poderiam passar o dia e, se necessário, a noite com Melena? Seria uma gentileza. Frex assentiu em sinal de gratidão, reconhecendo sem palavras que Melena não era muito popular por aquelas bandas.

Depois, e antes de prosseguir, contornando a extremidade do Lago Illswater, e de chegar a Margens Lestas, parou numa árvore caída e tirou duas cartas de dentro da sua faixa.

O rementente era um primo distante de Frex, também pastor. Semanas antes, o primo gastara tempo e tinta preciosa numa descrição daquilo que se designava Relógio do Dragão do Tempo. Frex preparou-se para a campanha sagrada do dia relendo sobre o ídolo-relógio.

Escrevo à pressa, irmão Frexspar, para registar as minhas impressões antes que se desvaneçam.

O Relógio do Dragão do Tempo está montado numa carroça e tem a altura de uma girafa. Não é mais do que um teatro bambo numa estrutura autónoma, perfurado nos quatro lados com alcovas e arcos de proscénio. No topo plano está um dragão automático, uma invenção de couro pintada de verde, com garras prateadas, olhos de rubi. A pele é feita de centenas de discos sobrepostos de cobre, bronze e ferro. Por debaixo das dobras flexíveis das escamas há uma armadura controlada por um mecanismo automático. O Dragão do Tempo gira sobre o pedestal, flete as asas estreitas e coriáceas (que fazem um som semelhante ao de um fole), e arrota bolas sulfurosas de fedor laranja-flamejante.

Em baixo, nas dezenas de portas, janelas e alpendres, há fantoches, marionetas, estatuetas. Criaturas de contos populares. Caricaturas de camponeses e da realeza. Animais e fadas e santos — os nossos santos unionistas, irmão

Frexspar, roubados debaixo do nosso nariz! Fico furioso. *As figuras movem-se sobre rodas dentadas. Entram e saem de portas. Dobram-se pela cintura, dançam, preguiçam e namoriscam umas com as outras.*

Quem teria engendrado aquele Dragão do Tempo, aquele oráculo falso, aquele instrumento de propaganda da maldade que desafiava o poder do unionismo e do Deus Inominável? Quem manejava o relógio era um anão e uns quantos lacaios de cintura fina cuja capacidade cerebral dava apenas para passarem um chapéu, a pedir dinheiro. Quem mais beneficiava com aquilo, além do anão e dos seus meninos bonitos?

A segunda carta do primo avisara-o de que o relógio estava a chegar a Margens Lestas. Contava uma história mais específica.

O espetáculo começou com um som de cordas e um chocalhar de ossos. A multidão aproximou-se, deslumbrada. Na janela iluminada de um palco, vimos um leito conjugal com uma mulher e um marido fantoches. O marido estava a dormir e a mulher suspirava. Fez um movimento com as mãos esculpidas para sugerir que o marido era muito pequeno, uma desilusão. O público riu à gargalhada. A mulher fantoche adormeceu. Enquanto ressonava, o marido fantoche esgueirou-se sorrateiramente da cama.

Nessa altura, lá em cima, o Dragão girou sobre a base e apontou as garras para a multidão, marcando — sem qualquer dúvida — um humilde cavador de poços chamado Grine, que tem sido um marido fiel, embora desatento. Depois, o Dragão empinou-se e esticou dois dedos num gesto sedutor, isolando uma viúva chamada Letta e a sua filha solteira de dentes tortos. A multidão calou-se e afastou-se de Grine, de Letta e da donzela corada, como se de repente tivessem feridas em carne viva.

O Dragão voltou imobilizar-se, mas colocou uma asa sobre um outro arco, que se iluminou para revelar o marido fantoche, que vagueava pela noite. Surgiu então uma viúva fantoche, ruborizada e de cabelos espetados, a arrastar consigo uma filha que refilava e tinha dentes de pedra. A viúva beijou o marido fantoche e tirou-lhe as calças de couro. Estava equipado com dois conjuntos completos de instrumentos masculinos, um à frente e outro pendurado na base das costas. A viúva colocou a filha no pau reduzido da frente e ela própria aproveitou o membro mais ameaçador de trás. Os três



fantoches pulavam e balançavam-se, emitindo gritos de alegria. Quando a viúva fantoche e a sua filha acabaram, desmontaram e beijaram o marido fantoche adúltero. Depois deram-lhe uma joelhada, em simultâneo, à frente e atrás. Ele balançava em molas e dobradiças, a tentar segurar todas as suas partes feridas.

O público estava ao rubro. Grine, o verdadeiro cavador de poços, suava em bica gotas tão grandes como uvas. Letta fingiu rir, mas a filha já tinha desaparecido, tal a vergonha. Antes do fim da noite, Grine foi perseguido pelos vizinhos agitados e investigado pela anomalia grotesca. Letta foi banida. A filha parece ter desaparecido por completo. Receamos o pior.

Pelo menos, Grine não foi morto. Mas sabe-se lá de que modo ficaram marcadas as nossas almas por testemunharem tão cruel drama? Todas as almas são reféns dos seus invólucros humanos, mas as almas devem degradar-se e sofrer com tal indignidade, não concorda?

Por vezes, Frex achava que todas as bruxas itinerantes e todos os videntes desdentados que se punham com algaraviadas de Oz, que conseguiam executar até o mais transparente dos feitiços, se aproveitavam do distrito de Caminhos de Hardings, no interior, para fazer negócio. Sabia que as pessoas de Margens Lestas eram humildes. Levavam vidas difíceis e alimentavam poucas esperanças. À medida que a seca se arrastava, a sua tradicional fé unionista foi começando a dissipar-se. Frex estava ciente de que o Relógio do Dragão do Tempo apelava tanto à ingenuidade quanto à magia — e ele teria de recorrer às suas reservas mais profundas de convicção religiosa para as ultrapassar. Se a sua congregação se revelasse vulnerável à chamada fé do prazer, sucumbindo ao espetáculo e à violência — que restaria, então?

Prevaleceria. Ele era o pastor da comunidade. Há anos que lhes arrancava os dentes, enterrava-lhes os bebés e abençoava-lhes as panelas da cozinha. Rebaixara-se em nome deles. Por ali vagueava com a barba por fazer e uma tigela para mendigar, de lugarejo em lugarejo, deixando a pobre Melena sozinha semanas a fio na residência do pastor. Sacrificara-se por eles. *Não podiam* ser influenciados por aquela criatura, o Dragão do Tempo. Estavam *em dívida* para com ele.



Seguiu caminho, ombros direitos, mandíbula firme, estômago numa agitação azeda. O céu estava acastanhado com a areia e o pó suspensos no ar. O vento soprava alto sobre as colinas com um lamento trémulo, como se passasse através da fissura de uma rocha, num cume para lá do que Frex conseguia avistar.



O Nascimento de uma Bruxa

Já era quase de noite quando Frex ganhou coragem para entrar na aldeola decrépita de Margens Lestas. Suava abundantemente. Bateu com os calcanhares no chão, ergueu os punhos cerrados e berrou num tom rouco e carregado.

— Ouvi, ó gente de mui pouca confiança! Reuni enquanto podeis, pois a tentação está à espreita, querendo tentar-vos gravemente! — As palavras eram arcaicas, ridículas até, mas resultaram. Vieram, pois, os pescadores rabugentos, a arrastar as redes vazias do cais. Vieram também os camponeses que cultivavam para comer, cujas miseráveis parcelas de terra pouco fruto haviam dado naquele ano seco. Ainda antes de começar, todos eles se mostravam pecadores.

Seguiram-no até aos degraus periclitantes da casa de reparação de canoas. Frex sabia que todos esperavam que o relógio maléfico chegasse a qualquer momento: os mexericos eram tão contagiosos quanto a peste. Gritou com eles por força da sua sedenta expectativa.

— Sois tão entediantes quanto as crianças que estendem as mãos para tocar nas belas brasas! Sois como crias do ventre do dragão, prontas para mamar nas tetas de fogo! — Eram imprecações bíblicas já gastas e, agora, não tiveram grande impacto. Estava cansado, não estava no seu melhor.

— Irmão Frexspar — adiantou-se Bfee, o presidente da câmara de Margens Lestas —, não se importa de suavizar esse seu arengar até conseguirmos ver qual a nova forma que a tentação assumirá?

— Não tendes coragem para resistir a novas formas — retorquiu Frex, a salpicar saliva.

— Não foi o nosso professor competente nestes últimos anos? — indagou Bfee. — Nunca tivemos tão boa oportunidade de provar que somos capazes de resistir ao pecado! Estamos ansiosos pelo… pelo teste espiritual de tudo isto.

Os pescadores riram-se e zombaram, e Frex intensificou o olhar enfurecido. Porém, ao escutar o som de rodas desconhecidas nos sulcos pedregosos da estrada, todos se viraram. E calaram-se. Não havia sequer começado e já ninguém lhe prestava atenção.

O relógio era puxado por quatro cavalos e escoltado pelo anão e pela sua coorte de jovens rufias. O topo amplo era coroado pelo dragão. Que fera, aquela! O seu porte denotava-o pronto a saltar, como se estivesse, de facto, imbuído de vida. O revestimento da casa exibia uma decoração em tons carnavalescos, lustrada com folha de ouro. À medida que se ia aproximando, os pescadores iam ficando boquiabertos.

Antes que o anão pudesse anunciar a hora do espetáculo, antes que a multidão de jovens pudesse sacar dos seus tacos, Frex saltou para o degrau mais baixo da coisa — um palco extensível preso por dobradiças.

— Porque é que esta coisa se chama relógio? O único mostrador que tem é plano, opaco e perde-se no meio de tantos pormenores, que só distraem. Além disso, os ponteiros não se mexem: olhai, vede por vós próprios! Estão pintados para ficarem sempre a um minuto da meia-noite! Tudo o que ides ver aqui é mecânica, meus amigos: sei-o, de facto. Ides ver campos de milho mecânicos a crescer, luas a crescer e a minguar, um vulcão a expelir um pano vermelho macio, com lantejoulas pretas e vermelhas. Com tanta tiquetaquice, porque não meter um par de ponteiros a circular no mostrador do relógio? Porque não? Pergunto-vos, pergunto-vos, sim, a si, Gawnette, e a si, Stoy, e a si, Perippa. Porque é que não há aqui um relógio a sério? —Não estavam a ouvir, nem Gawnette, nem Stoy, nem Perippa, nem os outros. Estavam concentrados a olhar, a aguardar, expectantes. — A resposta, naturalmente, é que o relógio não se destina a medir o tempo terreno, mas o tempo da alma. O tempo da redenção e da condenação. Para a alma, cada instante está a um minuto do julgamento.

» A um minuto do julgamento, meus amigos! Se morrêsseis nos próximos sessenta segundos, quereríeis passar a eternidade nas profundezas sufocantes reservadas aos *idólatras*?

— Que barulheira horrorosa que aqui está hoje — interveio alguém nas sombras, e os espectadores riram-se. Frex girou para ver: por cima de si, saíra de uma pequena porta um pequeno fantoche de cão que



gania, com o pelo escuro e caracóis apertados, como o cabelo de Frex. O cão balançava numa mola e o tom da sua conversa era irritantemente alto. As gargalhadas recrudesceram. A noite caía velozmente e não era tão fácil para Frex distinguir quem se ria, quem lhe gritava agora para que saísse da frente.

Não se mexia, pelo que foi empurrado sem cerimónias do poleiro. O anão fez uma saudação poética.

— A nossa vida inteira não passa de atividade sem sentido: embrenhamo-nos vida adentro como ratos e nela nos contorcemos como ratos, e, no fim, como ratos, somos atirados para a sepultura. Porque não haveríamos, de quando em vez, de escutar uma voz profética ou de ver um milagre em ação? Por detrás da aparente farsa e indignidade da nossa vida de ratos, existe um padrão e um sentido de humildade! Aproximai-vos, minha gente, e vede o que um pouco de conhecimento extra vos traz! O Dragão do Tempo vê o que está antes e o que está depois, e o que está no interior da verdade do vosso triste tempo de vida! Vede o que ele vos mostra!

A multidão avançou. A Lua subira já no céu, a sua luz qual olho de um deus zangado e vingativo.

— Basta, largai-me! — gritava Frex. Era pior do que pensava. Nunca fora maltratado pela sua própria congregação. O relógio contou a história de um homem publicamente piedoso, com barba de lã de cordeiro e madeixas escuras encaracoladas, que pregava a simplicidade, a pobreza e a generosidade, enquanto guardava um cofre escondido com ouro e esmeraldas… nos seios articulados de uma filha de queixo minúsculo, da sociedade de sangue azul. O patife foi atravessado por uma comprida estaca de ferro de maneira deveras indelicada e servido ao seu rebanho esfomeado como «Flanco de Pastor Assado». — Isto apela aos vossos instintos mais primitivos — berrou Frex, com os braços cruzados e o rosto magenta de fúria.

Agora, porém, que a escuridão era quase total, surgiu alguém por trás dele para o silenciar. Um braço envolveu-lhe o pescoço. Torceu-se para ver que maldito paroquiano tomava tais liberdades, mas todos os rostos estavam cobertos por capuzes. Levou uma joelhada na virilha e dobrou-se, caindo com a cara na terra. Um pé desferiu-lhe um pontapé

entre as nádegas e as suas entranhas soltaram-se. O resto da multidão, porém, não estava a ver. As gentes uivavam de alegria com um outro entretenimento proporcionado pelo Dragão Relógio. Uma mulher compassiva que envergava um xaile de viúva agarrou-lhe no braço e levou-o dali — estava excessivamente sujo, excessivamente dolorido para se endireitar e ver quem era.

— Vou pô-lo na cave, ai vou, vou, debaixo de uma serapilheira — balbuciava a boa mulher em voz baixa —, porque esta noite vão andar atrás de si com forquilhas, pela maneira como aquela coisa se está a comportar! Vão procurá-lo na sua residência, mas não no meu quarto de arrumos.

— A Melena — grunhiu ele —, eles vão encontrá-la…

— Cuidaremos dela — disse a sua vizinha. — Creio que nós, mulheres, somos capazes disso!

Na residência do pastor, Melena debatia-se com o estado de consciência enquanto duas parteiras apareciam e desapareciam diante dela. Uma era peixeira, a outra, uma velha paralítica. Revezavam-se a ver-lhe a febre, a espreitar-lhe para o meio das pernas, e a olhar de relance para as poucas bugigangas e preciosidades bonitas que Melena conseguira trazer de Terras de Colwen.

— Masca essa pasta de agulhas de pinheiro, fofa, isso. Estás inconsciente, não tarda — disse a peixeira. — Vais relaxar, depois o teu amorzinho sai cá para fora e amanhã já está tudo bem. Pensei que cheirasses a água de rosas e a orvalho de fada, mas tresandas como todos nós. Isso, masca, minha fofa, masca.

Ao ouvir uma pancada, a velha, ajoelhada a remexer numa arca, levantou o olhar com ares de culpa. Deixou a tampa fechar-se com estrondo e adotou uma posição de oração, de olhos fechados.

— Entrai — disse ela.

Entrou uma donzela de tez delicada e enrubescida.

— Tinha esperança de que estivesse aqui alguém — declarou. — Como está ela?



— Quase a desmaiar, e o bebé, quase a chegar — respondeu a peixeira. — Mais uma hora, acho.

— Bem, mandaram-me avisar-vos. Os homens estão bêbedos e andam por aí a rondar. Ficaram enervados por causa daquele dragão do relógio mágico, pois, e andam à procura do Frex para o matar. O relógio disse-lhes que o fizessem. É provável que venham a cambalear até aqui. É melhor levarmos a mulher para um sítio seguro. Podemos transportá-la?

Não, não podem transportar-me, pensou Melena, e se os camponeses encontrarem o Frex digam-lhes que o matem como deve ser por mim, pois jamais senti dor tão extraordinária que me fizesse ver o sangue por detrás dos meus próprios olhos. Matem-no por me ter feito isto. Perante tal pensamento, sorriu num instante de alívio e desmaiou.

— Deixemo-la aqui e fujamos! — propôs a donzela. — O relógio disse que a deviam matar também a ela e ao dragãozinho que ela vai dar à luz. Não quero que me apanhem.

— Temos a nossa reputação a manter — replicou a peixeira. — Não podemos abandonar esta coisa, esta senhora elegante, a meio do parto. Não quero saber que raio diz esse relógio.

A velha, de olhos novamente postos na arca, disse:

— Alguém quer uma renda verdadeira de Gillikin?

— Há uma carroça de feno no campo de baixo, mas temos de ir já — indicou a peixeira. — Vamos, ajudem-me a levá-la. Tu, bruxa velha, tira os olhos da roupa de cama e vem molhar esta linda testa cor-de-rosa. Pronto, agora vamos.

Poucos minutos depois, a velha, a peixeira e a donzela conduziam a carroça de feno por um caminho pouco utilizado, através dos evónimos e dos fetos da floresta outonal. O vento estava mais forte. Assobiava por cima das vertentes despidas de árvores das Colinas de Cloth. Melena, esparramada nos cobertores e inconsciente, agitava-se e gemia de dores.

Ouviram passar a populaça embriagada, com forquilhas e tochas, e as mulheres permaneceram em silêncio, aterrorizadas, a escutar o tartamudear de palavrões. Depois avançaram com mais urgência até chegarem a um bosque enevoado — a extremidade do cemitério dos cadáveres profanos. Lá dentro, viram os contornos esbatidos do relógio.

Fora ali deixado para que fosse guardado pelo anão — não era parvo: sabia que aquele canto do mundo seria o último sítio que os aldeões nervosos iriam vasculhar.

— O anão e os seus amigos também estavam a beber na taberna — anunciou a donzela, sem fôlego. — Não está aqui ninguém que nos possa impedir!

Disse a velha:

— Com que então, andas a espreitar os homens pela janela da taberna, minha galdéria? — Abriu a porta de trás do relógio. Deparou com um espaço em que se podiam agachar. Havia pêndulos sinistros pendurados no escuro. Enormes rodas dentadas que pareciam prestes a cortar qualquer intruso em rodelas de salsicha. — Vamos, arrastem-na para dentro — disse a velha.

Ao amanhecer, a noite de tochas e nevoeiro deu lugar a extensas nuvens de trovoada, esqueletos dançantes de relâmpagos. Por breves instantes, vislumbrava-se o céu azul, embora por vezes chovesse com tamanha força que mais pareciam gotas de lama a cair, não de água. As parteiras, saindo de gatas da parte de trás do vagão-relógio, tiveram, enfim, descanso. Protegeram o bebé da calha que pingava.

— Vejam, um arco-íris — apontou a mais velha, e acenou com a cabeça. No céu, pairava um lenço esmaecido de luz colorida.

O que viam a esfregar as secreções e o sangue da pele… seria somente efeito da luz? Afinal, depois da tempestade, a relva parecia pulsar com a sua própria cor, as rosas zuniam e pairavam em louca glória nos caules. Porém, e apesar de tais efeitos de luz e da atmosfera, as parteiras não podiam negar o que viam. Sob os fluidos expelidos pela mãe, o bebé brilhava num tom escandaloso verde-esmeralda pálido.

Não houve lamentos nem berros de indignação de recém-nascido. O bebé abriu a boca, respirou, e manteve-se mudo e quedo.

— Chora, seu demónio — tornou a velha —, é a primeira coisa que tens de fazer. — O bebé esquivou-se às suas obrigações.

— Mais um rapaz obstinado — apontou a peixeira, a suspirar. — Matamo-lo?

— Não sejas tão desagradável — volveu a velha —, é uma menina.



— Oh — contrapôs a donzela de olhos turvos —, vejam lá bem, o cata-vento não para de abanar.

Durante alguns instantes, não se entenderam, mesmo com a bebé nua diante delas. Só depois de uma segunda e terceira esfregadelas é que ficou claro que a criança era de facto do sexo feminino. Talvez durante o parto algum resíduo orgânico tivesse ficado preso e secado no local da racha. Uma vez enxugada, observou-se que era bem constituída, com uma cabeça comprida e elegante, antebraços bem torneados, nádegas pequenas e bem proporcionadas, dedos astutos com unhas pequenas que arranhavam.

E com uma pele inegavelmente verde. Havia um rubor salmão nas bochechas e na barriga, um efeito bege em torno das pálpebras cerradas, uma risca amarelo-torrado no couro cabeludo mostrando o padrão de um putativo cabelo. Contudo, o efeito principal era vegetal.

— É isto que recebemos pelo nosso trabalho — aditou a donzela. — Um pedacinho verde de manteiga. Porque é que não a matamos? Sabem bem o que as pessoas vão dizer.

— Acho que está podre — completou a peixeira, em busca da base de uma cauda e a contar os dedos das mãos e dos pés. — Cheira a estrume.

— Este cheiro *é mesmo* estrume, idiota. Estás em cima de bosta de vaca.

— Está doente, está débil, daí esta cor. Atira-a para a poça, afoga essa coisa. A mulher não vai saber. Vai ficar ali horas e horas, com um dos seus desmaios muito elegantes.

Riram-se. Deitaram-lhe a criança nos braços, passando-a de umas para as outras para testar o seu peso e equilíbrio. Matá-la era a opção mais benevolente. A questão era como.

Foi então que a criança bocejou, e a peixeira, distraidamente, deu-lhe um dedo para chuchar, e a criança arrancou-lhe metade do dedo à dentada. Quase se engasgou com o jato de sangue. O dedo caiu-lhe da boca para a lama qual carretel. As mulheres entraram precipitadamente em ação. A peixeira lançou-se para estrangular a menina, e a velha e a donzela avançaram em sua defesa. O dedo foi retirado da lama e enfiado num bolso de avental, possivelmente para voltar a ser cosido na mão que o perdera.

— É uma pila, ela viu que não tinha! — gritou a donzela, esganiçada, e caiu no chão a rir. — Oh, cuidado com o primeiro rapaz estúpido que tentar satisfazer-se com ela! Corta-lhe o pirilau como recordação!

As parteiras rastejaram outra vez para dentro do relógio e largaram a coisa no peito da mãe, com medo de considerar a hipótese de homicídio por piedade e com receio de que a bebé mordesse mais alguma coisa.

— Talvez agora morda a mama da mãe, isso fará com que Sua Fraqueza Sonolenta acorde bem depressinha — riu-se a velha. — Mas que criança esta, que bebe sangue ainda antes de mamar o primeiro leite da mãe! — Deixaram um pequeno pote de água por perto e, protegendo-se da ventania, lá foram a chapinhar à procura dos filhos, dos maridos e dos irmãos, para os repreender e dar palmadas, se estivessem disponíveis, ou para os enterrar, se não estivessem.

No espaço ensombrado, a bebé olhava para cima, para os dentes oleados e uniformes do relógio do tempo.